O PCB RENOVADO E A UNIDADE DAS ESQUERDAS

HAMILTON GARCIA

A Nova República foi um período amargo na vida da população que deixou para trás o obscurantismo da ditadura, mas continuou enfrentando a frieza das elites dirigentes na condução dos negócios econômicos do país. A democracia chegou à Constituição, mas ainda não se estabeleceu como justiça social, permanecendo desaparecida pela massa dos cidadãos.

Se esta não foi a transição que todos esperávamos, ela pelo menos trouxe à tona valiosas lições e desvendou novos horizontes antes ocultos na unanimidade da luta contra a ditadura. A principal questão colocada em cena com o fracasso da NR foi a perspectiva de alternativas à esquerda.

Interessa-me, neste artigo, fazer algumas observações sobre o papel do PCB no quadro da ampliação do espaço das esquerdas, partindo de uma posição crítica em relação à sua teoria da revolução e das alianças políticas derivadas dele.

É um artigo com a marca do dilaceramento da militância comunitista: excluída por uma máquina obsOLETA e burocrática — geneticamente stalinista —, mas ao mesmo tempo consciente da necessidade de preservar o legado político-teórico do marxismo em seu sentido mais original.

A esta altura o resgate do marxismo aparece, para os comunistas brasileiros, como um jogo de “tudo ou nada”: ou bem reduzimos a “ala romena” à sua dimensão real na sociedade, ou seja, quase nada, permitindo um renascimento do PCB, ou deixamos, definitivamente, aos cuidados dessa ala, que vem sobrevivendo graças aos préstimos de uma geração tão heróica quanto equivocada.

Sem sombra de dúvida o IX Congresso é um marco, e seu adiantamento um pêssimo sinal.

A CONJUNTURA

O governo Sarney foi marcado, desde seu início, pela tensão entre as expectativas de mudanças e as possibilidades reais do pacto liberal que assumiu o poder. A longa resistência democrática pela qual passamos, gerou em toda a nação uma forte expectativa quanto ao teor e a profundidade das reformas num governo das “oposições”, transferindo para este a solução da crise econômica (inflação), a reversão do modelo de concentração de renda (justiça social) e a reforma constitucional.

A oposição, no entanto, estava presa a um horizonte liberal da democratização, que significava encíndir o momento da reinstitucionalização das reformas econômico-sociais, adiando-as sine die. Ou seja, enquanto que as expectativas eram de inauguração de uma ruptura, a Aliança Democrática trabalhava com um alto grau de continuidade no caminho econômico, ao mesmo tempo que implementava transformações institucionais.

A transição, conduzida desta forma pela ala mais moderada do PMDB e pelos dissidentes do PDS, chegou rapidamente a um impasse forçando a adoção de planos emergenciais (heterodoxos) sem muita preparação, ou mesmo compreensão, por parte das autoridades governamentais.

A morte prematura de Tancredo Neves deu cores dramáticas a este quadro, mas não foi ele quem o determinou, basta ver que o ministério do primeiro ano de mandato seria deixado tal como Tancredo o havia composto.

A crise da transição liberal, inclusive com a desmoralização de suas lideranças, assumiu contornos bastante interessantes e importantes, que nem sempre foram levados em conta pelas forças de esquerda, nem mesmo por aqueles que mantiveram uma postura crítica diante do pacto liberal.

Na esquerda cristalizavam-se duas posições emblemáticas da falta de compreensão do processo que passou a NR. A primeira posição ignorava o valor da reinstitucionalização conduzida pelos liberais; a segunda subestimava os impasses que as restrições liberais poderiam gerar no decorrer do mandato da AD. Ambas, cada qual a seu modo, deixaram

Este artigo é continuidade da série Os horizontes da renovação política do PCB que a Revista Novos Rumos vem há dois anos organizando. Esta série de debates visa, entre outros objetivos, estimular a discussão e aguçar as reflexões em torno de questões históricas e políticas da vida do PCB. Por outro lado, esse esforço, acreditamos, será de muita valia no sentido de fornecer subsídios e elementos para os debates do próximo Congresso do PCB.

Hamilton Garcia é sociólogo e mestrandando em Ciência Política, na Unicamp.
de vislumbrar a transição como simultaneamente democrática e conservadora. Democrática quando pôs abaixo o edifício casuítico da ditadura e permite a emergência organizada dos trabalhadores, e conservadora quando deixa intocado os interesses da grande burguesia.

Os torturantes cinco anos de Sarney trataram de dirimir os equívocos que se projetavam à partir destas duas posições. Hoje não parece existir dúvida quanto ao caráter profundo das medidas de reestruturacionalização e suas consequências positivas no cenário nacional, tanto no que diz respeito à transparência dos fatos políticos como no que afeta à organização das massas. Também não se pode mais ignorar o fracasso da perspectiva liberal, expresso didaticamente na bancarrosa do PMDB/PFL e na subalternização do PCB e PC do B. Tanto os liberais como a esquerda moderada, foram alvo de duro julgamento popular nas últimas eleições.

A esta falência da esquerda comunitária e do centro liberal, não sucedeu o fracasso da perspectiva de esquerda e de direita, mas sua substituição pela esquerda não-marxista-leninista e pelo neoliberlalismo — que vem a ser a derrota do keynesianismo.

Com o neoliberalismo, volta ao auge o mito do mercado como elemento de progresso, tanto quando dissolve os monopólios e carteis econômicos, como quando dissolve as "hegemonias" sindicais.

Com a esquerda não-marxista-leninista, cai por terra os dogmas do estatismo e restaura-se o pluralismo entre as correntes revolucionárias, o que recoloca em discussão a via brasileira para o socialismo, quando não o próprio socialismo.

Com a esquerda não-marxista-leninista, cai por terra os dogmas do estatismo e restaura-se o pluralismo entre as correntes revolucionárias, o que recoloca em discussão a via brasileira para o socialismo, quando não o próprio socialismo.

A construção democrática desta forma, ao se confirmar o apelo ideológico da burguesia, tende a ser paralisada tanto quanto se efetiva a prática do livre jogo das forças em luta, que é sinônimo de marginalização do papel social do Estado, e de recusa ao empréstimo de reformas estruturais que estendam a cidade para todos.

A construção de um verdadeiro consenso democrático parece estar mais ao alcance das forças de esquerda, sejam socialistas, sejam social-democratas, do que no neo-liberalismo. No campo socialista, no entanto, muito ainda tem que se percorrer para viabilizar seu programa.

**A PROBLEMÁTICA DAS CORRENTES SOCIALISTAS**

A cisão entre passado e presente na constituição atual do movimento socialista brasileiro é um fato que tem implicações pouco consideradas e discutidas. Tendo origem, genericamente, na ação policial da ditadura, na subalternação da classe operária, na atuação de novas lideranças operárias desencorajadas com o desenrolamento de esquerda, esta cisão operou uma paradoxal realidade: de um lado, um extraordinário avanço político-eleitoral; de outro um gritante vazio teórico.

O hiato entre passado e presente parece ser o elemento explicativo para esta problematização da capacidade dirigente do movimento socialista, operada numa política sem teoria.

No PT, o entendimento da política é precário e só recentemente se teve provas de um avanço neste campo. Ao que parece a idéia de hegemonia não passa de uma caricatura na praxis petista, onde as alianças são entendidas como traição aos princípios programáticos, e a idéia de vanguarda não passa de um sentimento difuso.

Ao mesmo tempo que demonstra ter nas massas um forte referencial, o PT ainda vacila em apoiar-se nelas para promover a cooptação de outros setores sociais ao seu projeto de transformação. Sua imagem, não é à toa, se associa a de um braço político de uma facção sindical, ao invés de
Com como consequência, o PCB deixou de ser instrumento da luta de classe para tornar-se seu mediador.

cia, é a prova genética da inadequação do “marxismo-leninismo” como teoria revolucionária.

Como organização, o PCB combina a rigidez centralista do bolchevismo, com a regionalização do caxiquismo brasileiro e o federalismo dos partidos socialistas do século passado, num arranjo tão excêntrico quanto ineficaz. O arranjo, no entanto, apesar de sua ineficácia política tem um importante papel na manutenção das velhas estruturas nos novos tempos. Ele saliniza, de uma só vez, a vontade de nada mudar e a de se “actualizar”.

O produto do ultra centralismo federalizado foi a “feudalização” do Partido, que fez da descentralização o fortalecimento das oligarquias locais e da tolerância a máscara para a omissão do CC. Não é preciso comentar a expressão notória deste sistema: o oportunismo eleitoral.

O oportunismo, no entanto, não pode ser reduzido a uma opção de organograma. A causa está numa tática geral equivocada, que provoca imenso transtorno em quem quer que se aventure a uma ação baseada em suas premissas.

A completa ausência de unidade política, ideológica e ética no PCB, torna impossível a obtenção de qualquer meta por mais simplória que possa parecer, com exceção daquela que visa manter o partido sob controle.

A organização peebistana chancela esta prática chamando a isto de “pluralismo interno”, na busca de amenizar o caráter burocratizante de seus estatutos, o que efetivamente não consegue.

Neste contexto o ecletismo é a mais visível expressão, do ponto de vista teórico, da perda de identidade do PCB.

A TÁTICA GERAL PECEBISTA

No plano tático geral localiza-se o pomo da crise do PCB. Por mais que nos últimos anos tenha-se tentado a modernização programática, ainda não conseguiu ultrapassar o estágio da concepção dos “obstáculos” na definição das tarefas da luta pelo socialismo. Hoje, ao invés do vetusto “obstáculos feudais” adotam-se “obstáculos institucionais” — formulados como a falta de uma regularidade democrática — como causa do atraso brasileiro como sistema social.

Ontem, necessitava-se de unidade de toda nação para romper com o atraso secular; hoje, pede-se a união de todos os democratas. Em ambos os casos a perspectiva teórica adotada alcança um nível extremamente abstrato, concebendo a luta pelo socialismo como à parte do cotidiano das massas num plano exclusivamente doutrinário onde o

---

1. A este respeito, sumariamente, pode-se dizer que a autocrítica então efetuada pelo CC do PCB sobre a queda de Goulart apresenta indícios dessa tendência quando aponta, unilateralmente, para um abstrato “esquerdismo” como causa da sua desestabilização. Sublinhando a modernização das lutas revolucionárias das classes trabalhadoras era sugerida, o que afastou, desde então, o PCB da vanguarda das lutas populares — fatos que foi ofuscado pela derrota da esquerda armada e pelo caos eleitoral da MDB a partir de 1974, mas que se desvendou na década de 80.


4. A introdução do federalismo nas práticas internas do PCB não chegou a ser uma novidade, mas é só na legalidade de 85 que ele assume sua forma plena, disseminando pequenas oligarquias locais fortemente burocratizadas mas gozando de relativa autonomia diante da direção central. Até então isto só havia acontecido quando o CC sofria fortes baixas, e era impedido de exercer sua centralização.
objetivo final só pode ser pensado através da mediação com a derrubada dos obstáculos estruturais. A luta contra o feudalismo e pela estabilidade democrática se relaciona com o socialismo na afirmação de que só alcançando o capitalismo “pleno” podemos almejar a etapa seguinte. Prevalece a ideia de que sofremos mais com a ausência do capitalismo do que com ele próprio.

Nesta metáfora as coisas acontecem assim: a democracia política consolidada oferece espaços para reformas que se direcionam para a derrota do imperialismo, do latifúndio e do monopólio nacional, abrindo a possibilidade de vitória do socialismo; por outro lado estas reformas seriam viabilizadas por uma frente democrática e nacional a mais ampla possível.

Como uma frente tão ampla possa ser capaz de abriçances para a ruptura com o capitalismo é algo que não é abordado.

Seja como for, a questão não é eficaz. E foi pensando nela que se consentiu incluir no programa uma alusão à hegemonia operária na articulação da frente democrática e nacional. O problema surge quando a pretendia hegemonia agride o objetivo maior, que é a conquista de um capitalismo “pleno”. A solução instroduzida para o problema da contradição entre o programa apresentado e o objetivo pretendido, simplesmente não corresponde à definição do caráter da revolução brasileira tal como expresso pelo PCB. O desenlace só pode ser um: fica-se com o programa em todos os seus desdobramentos, e faz-se do objetivo pretendidamente, com ele um mero caso do “dito pelo não dito”.

Os rachas no PCB em 1962, 1967, 1980 foram a reação da ala esquerda do nacional-democrático diante deste encaminhamento das coisas. Esta solução se apresentou ao PCB de maneira clara a partir da “Declaração de Março de 58”, consolidando-se com as resoluções do VII Congresso em 81/82 sob a forma da “principalidade do democrático”.

Malgrado a forte dissensão entre a esquerda e a direita do nacional-democrático, a ideia de que o socialismo não era imediatamente desolvente nos países do terceiro mundo, porque neles o capitalismo não teria uma formação “pneata”, predominava amplamente.

A ideia de que um capitalismo impuro tornaria impura a classe operária, de modo que o socialismo ficaria sem bases económicas para se implantar e o proletariado sem condições políticas de se impor, foi a pedra de toque de todas elas. A saída lógica foi o etapismo.

O capitalismo “pleno” que reiteradamente citamos, nada mais é que uma variação da ideia de capitalismo puro que rondou as cabeças dos comunistas depois que o marxismo virou simples formalidade ritualística. Ora, como sabemos, não existe nenhum modo de produção puro na história das sociedades humanas, mas apenas modelos teóricos que se valem de simplificação do real para desvendá-lo de maneira mais científica e criteriosa. Não passa de um malentendido a transposição de um modelo ao status de realidade.


O etapismo não foi simplesmente uma vulgarização teórica do marxismo, mas uma boa saída para as forças que se vinculavam a uma propositura stalinista improvável no ocidente. Com a descoberta de obstáculos estruturais a viabilidade de qualquer socialismo ora adiada tacitamente.

8. Expressão usada por Emir Sader.

como elementos perturbadores da articulação somatória que visava subtrair espaços políticos aos militares.

Luta de classes e conquistas democráticas foram postas em lados opostos, tal como no pensamento liberal.

O horizonte nacional-democrático contaminado pela visão democrática-liberal, nos esclarece porque a ação de massas para o PCB passou a significar, sobretudo, um elevado risco.

A despeito de ser um valor universal, a democracia sofre a ação de variadas articulações de classe que emprestam a ela um significado particularizante (democracia liberal), ora universalizante (democracia socialista), ora um simples método, ora um método articulado estreitamente com a condição humana global.

Considerar “a priori” a estabilidade como um elemento positivo, é ignorar que ela pode ser a garantia do “status quo” via supressão do conflito, e que, portanto, em muitos casos a mera “estabilidade” pode significar até a ausência da tão apregoada democracia como método, para não falar da democracia como método- condição.

A “estabilidade” varia ao sabor da capacidade de hegemonia das classes em disputa, tende a ser espantada para as mudanças sociais quando a burguesia se encontra fortemente estabelecida no poder, e ao contrário, assume o papel de garantir dessas mesmas modificações quando a burguesia já limitada no controle sobre o Estado busca retomar seu antigo domínio.

Esta variabilidade não é fruto da decisão isolada de uma corrente, mas produto da dinâmica própria que a luta de classes assume. Ademais, não é verdade que a “estabilidade” tenda para a ampliação da cidadania num contexto onde dela se expurgue o conflito e a crise, onde não exista a instabilidade.

A UNIDADE DAS ESQUERDAS

No debate interno do PCB este é o grande “divisor de águas” entre a renovação comunista e a renovação social-democrática. Na sociedade há uma imposição para o progressimento da luta socialista, não deixando de ser também um indicador do nível real de comprometimento das forças de esquerda com a ideia do socialismo “reformista-revolucionário”.

A aversão do PCB pela ideia de uma frente de esquerda — que pouco tem a ver com a defesa de uma frente democrática, visto que esta pode ser uma articulação empunhada por uma esquerda democrática — expressa, na verdade, o temor de que o projeto nacional-democrático seja posto de lado em província de outro, “democrático e socialista”. 11

Os desencantos na esquerda refletem distinções efetivas no plano ideológico, programático e organizativo, mas o PCB sempre encarou este debate como previamente resolvido a seu favor pelo fato de ter primeiro adotado uma compreensão distinta das formas revolucionárias, por ter primeiramente entendido o papel da democracia na luta socialista, e por ter adotado uma concepção ampla de partido

10. Não confundir a universalidade da democracia como valor, com sua formação no real, que leva em conta interesses particulares divergentes.


As assim, inconscientemente de todo esse complexo processo, os comunistas extirparam o conflito do contexto da redemocratização tal como os liberais, o que, por tabela, implicou no seu afastamento do cenário, por vezes explosivo, do mundo fabril e popular.
marxista, e o PT olimpicamente a despreza apesar do esforço de alguns de seus intelectuais.

Programaticamente o PT vai sofrer as consequências de seu ecletismo teórico, o que foi bastante aproveitado durante as eleições, principalmente no segundo turno. A facilidade com que o PT se projetou, afirmando uma combatividade e autonomia que o aflastaram de qualquer compromisso liberal, é constantemente ameaçada por sua inadequada relação com as alternativas, expressa hoje pela dificuldade em lidar com as prefeituras recém-constituídas e pelos compromissos injustificáveis com o corporativismo sindical, em particular com o corporativismo estatal.

A luta pelo objetivo final, no entanto, põe ser encaminhada sem etapismo e escapismo, o que abriu um espaço auspicioso para o socialismo libertando-o das amarras do nacional-democratismos.

Organizativamente o PT tem um perfil pré-leninista e uma estrutura pautada no “basismo”, que lhe dá o aspecto descentralizado e desarticulado dos partidos socialistas do século XIX, mas, por outro lado, lhe garante uma liberdade de expressão que já não era encontrada nos partidos de esquerda.

Relevando o espontâneo em detrimento do organizado, o “basismo” alegou o ambiente da esquerda traumatizada pelo stalinismo, recolocando na ordem do dia o debate sobre centralização x iniciativa, que outrora fora travado entre Rosa e Lênin, jogando luz sobre a questão da eficácia dos movimentos revolucionários diante do inimigo cientificamente preparado, mas se mostrou inadequado como concepção de um partido de massas politicamente dirigente.

As diferenças que brotam das características sumariamente levantadas são bastante significativas e servem para a continuidade do debate entre as duas correntes. Tanto ideológica como programática e organizativamente, o PCB se coloca num patamar histórico privilegiado. Este patrimônio, no entanto, perdeu sua virilidade quando se sistematisou sob o controle de um marxismo vulgar, gerando uma casta dirigente burocrática, acefala e distante da massa. A superioridade pecibeista se esvaiu no contexto de um “marxismo-leninismo” dogmático, não se traduzindo numa influência político-cultural de tipo superior como seria de se esperar.

O socialismo “científico” do PCB se tornou inferior ao socialismo amorfo do PT, que pelo menos teve o mérito de erguer bem alto a bandeira da nova sociedade.

**A GRANDE QUESTÃO**

A unidade das esquerdas é a grande questão da década de 90. Ela poderá se dar pela convergência em torno do PT como partido frentista por natureza — como aparentemente

O socialismo “científico” do PCB se tornou inferior ao socialismo amorfo do PT, que pelo menos teve o mérito de erguer bem alto a bandeira da nova sociedade.

mente esta acontecendo —, mas terá melhor solução se for construída a partir do pacto entre as diferenciadas forças mantendo suas especificidades. No entanto, a segunda opção exige que as outras correntes enfrentem com coragem seus problemas de modo a serem levadas em conta.

Quanto ao PCB, abriu-se um momento de decisão inadiável. Temos vários caminhos: a social-democratização, a sua completa “romenização”, a indefinição, ou a retomada do comunismo “original”. A social-democratização encontra respeitável defensor na voz de Jarbas de Holanda, e na ideia de fusão com o PSB e abandonar do marxismo não só como doutrina. A “romenização” é vil, se estabelece como vormes nas áreas onde o tecido partidário dá sinais de nítido necrosamento, como no Rio de Janeiro. A indefinição parece ser a preferência do chamado “núcleo dirigente”, que ninguém sabe ao certo quem é mas sente sua movimentação protestatória, como agora no adiamento do IX Congresso — ou seu estabelecimento em dois turnos, o que dá no mesmo. A retomada do comunismo “original” é uma ideia forte, tem um defensor em potencial — que se ajusta à imagem de Roberto Freire — mas grandemente sobretudo a simpatia dos chamados “desarmados do PCB”, ou seja, aqueles a quem a máquina tragou e que não podem mais do que exercer uma pressão.

Estamos diante de uma reavaliação profunda de toda a trajetória pecibeista, principalmente aquela que diz respeito às últimas três décadas. Adiar o IX Congresso chancela o PCB como o partido dos indefinidos e dos “romenos”, pois estas são espécimes que só se reproduzem na sombra. Protelar a decisão é jogar o PCB na penunbra.

Neste debate inadiável a decisão é mais inadiável ainda, trata-se de adequar o PCB a quiloque seu candidato disseminou como seu estilo ágil, combativo, independente e solitário com a esquerda. Falar em renovação sem enfrentar a questão de qual cara terá o PCB daqui por diante, é fazer da perestroika mera propaganda sem utilidade, é manter as expectativas ao nível do nacional-democratismos, é mudar o nome para preservar a mentalidade, encomendar o corpo sem mostrar o defunto.